

Documentos del presente – Una mirada semiótica; Madrid, Lengua de Trapo, 2019,
de Jorge Lozano e Miguel Martín (coord.)

Maria Augusta Babo

Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Instituto de Comunicação da NOVA - ICNOVA

mab@fcsh.unl.pt

Acaba de sair a público em Espanha, este livro que contém uma série de textos dedicados ao tema do Documento numa perspectiva semiótica e cujos autores são maioritariamente membros do GESC – Grupo de Estudos em Semiótica da Cultura – cujo Presidente é Jorge Lozano. Há a assinalar a participação de autores destacados como Lev Manovich, reputado especialista de cultura digital, Paolo Fabbri, o semiólogo mais marcante da contemporaneidade, e Tarcisio Lancioni, reconhecido especialista da semiótica da imagem e do texto.

Antes de mais, esta publicação mostra-nos a actividade semiótica do GESC, centro pertencente à Universidade Complutense de Madrid, e como ela se organiza tematicamente, convocando os seus membros a participar na investigação em curso, elegendo temas transversais ao grupo e mostrando a vitalidade do mesmo.

Neste caso, a temática decorre de um projecto de investigação financiado: “el periodista como historiador del presente. Analisis del documento en las nuevas formas de la información” (CSO2014-55527-P). Nele se discute o crescimento exponencial da informação digital, o que permite olhar o documento na sua dimensão de arquivo e debater aí o seu estatuto que, como lembra Lozano, se torna o conteúdo desse mesmo arquivo. Várias problemáticas, pois, são convocadas e discutidas pelos autores, desde um ponto de vista mais fundamental, teórico-crítico, até uma dimensão mais circunscrita a objectos e de cariz mais analítico. Uma diversidade de posturas atravessa o corpo do texto. Mas a “mirada” semiótica que cruza todas as vozes permite uni-los no mesmo volume. É, pois, a criação do ponto de vista que dá consistência ao livro e nos permite ler, por entre a heterogeneidade dos objectos, a construção e desocultação dos seus sentidos. Essa “mirada semiótica” integra-se na corrente da semiótica da cultura do russo Yuri Lotman que o GESC vem trabalhando, de há anos a esta parte, e cuja filiação Jorge Lozano assinala com um texto intitulado: “Yuri Lotman, de la entropia a la explosión de sentido”. Derivado do conceito de biosfera, a semiosfera lotmaniana é talvez o conceito mais produtivo que nos legou o semiólogo russo.

Lozano mostra como toda a teoria de Lotman nos traz um *apport* imprescindível para pensar a comunicação e a informação, aproximando a teoria da cultura da teoria da informação e, até, dos princípios da termodinâmica que lhe permitem definições do previsível e do imprevisível. Ora é esta *mirada* singular que permite observar o documento de um outro ângulo, assim como o lugar e o papel do seu observador.

A discussão sobre o estatuto do documento é lançada então por Jorge Lozano, atravessando toda a obra e colocando a tónica nos próprios limites do documento. Nessa perspectiva de delimitação do que se entende por documento, algumas isotopias do documento são levantadas. Desde logo, a sua inclusão nos processos de veridicção. Na era dos *big data*, o seu valor de verdade é cada vez mais questionado e incerto. Tal como explica Pablo Francescutti, o documento sustenta e certifica o valor veridictório da imprensa. No limiar do documento está o acontecimento sobre o qual o documento ganha estatuto de verdade e que se torna o seu garante. Se a imprensa trabalha sobre documentos, ela própria se transforma, diacronicamente, no próprio estatuto documental aplicando-se-lhe a mesma grelha veridictória. É essa transformação do jornal em arquivo documental na era do digital que o autor convoca para a sua análise. Toda a questão da transparência face à ocultação aparece como efeito de sentido da manipulação directa a que têm acesso os leitores de jornais.

É esse mesmo valor documental que ganham os objectos do quotidiano quando extraídos do seu contexto de uso para ingressarem no espaço da semiosfera museológica. O artigo de Valéria Burgo convoca a banalidade desses objectos que ganham valor de testemunho. No campo das transformações semióticas desses mesmos objectos, sublinha a autora a sua contextualização em arquivo, quer dizer, o facto de o objecto não ser recolhido como singularidade mas na sua proliferação que se dá como marca da contemporaneidade. Esta acumulação permite então dar a ver a “história social do nosso tempo”, nas palavras da autora.

Mas há ainda a realçar, na isotopia veridictória, a dimensão ficcional da verdade. Discutindo esse limiar entre a verdade e a ficção, o artigo de Tarcisio Lancioni produz uma fina análise de *Uma Novela Criminal* de Giancarlo Cataldo. Mostrando como se pode construir textos híbridos, que sejam, ao mesmo tempo, “verdadero-ficcionales”, segundo a sua expressão, donde o monumental resulta como efeito do documental. Isto permite-lhe discutir os aparatos metodológicos ao serviço da narrativa da história. E é aí, na narrativa da história, na contaminação das vozes, na interferência entre sujeito da enunciação e do enunciado, que a própria máquina narrativa introduz o fictício como sua facticidade própria.

Lancioni convoca, a este respeito, o cinema, meio, já por ele, problematizador do estatuto da imagem. Será no jogo subtil de imagens de proveniência diversa – as imagens cinematográficas em relação às imagens de arquivo (documentais) – que se joga toda a dimensão referencial e testemunhal do cinema. O que leva o autor a perguntar-se sobre a autenticidade de um documento. E como o estatuto documental da imagem se inscreve directamente na memória arquivística do espectador. E este efeito, um efeito de verdade, é resultado da articulação sintagmática das imagens entre elas. Assim, é dessa articulação e diferenciação biunívoca entre imagens que o jogo da ficcionalidade e da verdade se tece na narrativa fílmica, podendo constituir-se como uma declinação das posições de segredo e de ilusão, de ostensão e de camuflagem, do que esconde e do que mostra, enfim. Fica a desconfiança de que esse híbrido, que invade a cultura de massas, favorece mais a ficção do que a própria historiografia, no sentido em que não torna presente, não dá propriamente um olhar novo ao passado mas autentica a ficção com os laivos desse passado. Tratar-se-á de uma estratégia de verosimilhança.

Dois outros investigadores, Marcello Serra, analisando a figura de Maradona e Rayco González da construção de um protagonista de série famosa, exploram o estatuto da imagem e a sua transformação em ícone, fenómenos de massas que os *media* de massas fabricam. E ainda, a repercussão que provocam no destinatário, a fama, entendida em termos lotmanianos como cultura textualizada; isto é: uma construção discursiva que se inscreve e produz um texto, suporte da figura da celebridade.

O documento levanta, nesta obra, uma outra questão incontornável: a organização e o arquivamento de dados. A proliferação de dados chega a ser o vórtice da cultura contemporânea. Como analisar esses dados constantemente produzidos e aos quais se tem acesso na rede? A análise cultural é uma perspectiva contemporânea que vem conferir às humanidades a sua metodologia de análise, abrindo um “território mais amplo” do que as próprias humanidades, como salienta Manovich, dado que inclui nela própria a análise dessa mesma cultura digital. As formas humanas simbólicas e expressivas são o próprio objecto a que se dedica a análise cultural de carácter digital.

Um outro documento do presente é a tatuagem contemporânea que Paolo Fabbri elege como exemplificativo. A actualidade do fenómeno que, do ponto de vista sociológico e antropológico já marca as ciências humanas, impõe-lhe uma perspectiva semiótica, perspectiva essa já aplicada ao corpo. Socorrendo-se das ferramentas semióticas, Fabbri desenha toda uma gramática da tatuagem, nas suas modalidades reflexiva ou transitiva,

entendendo-a na dimensão comunicacional. Escrita do corpo e sobre o corpo, a tatuagem tem efeitos de camuflagem, velando a epiderme, ou de desocultação, trazendo o interior do corpo à visibilidade da pele, por exemplo, ou dissimulando o corpo em *trompe l'oeil*. Uma escrita que tem pontos de contacto com o *graffiti*, como assinala, e que, como ele, pode tomar modalidades provocatória, estética, ética. Documentos do presente em que habitamos, as tatuagens são, hoje, as novas práticas autográficas que nos são dadas a ler na quotidiana exibição dos corpos. Marcas de pertença que convocam neotribalismos aparentemente expostas como singularidades absolutas.

É ainda Paolo Fabbri, em entrevista levada a cabo pelo co-organizador do livro, Miguel Martín, que nos fala de outros problemas da actualidade, nomeadamente das manifestações propagandísticas das organizações terroristas. Como se produz uma propaganda que provoca, na sua recepção, o pavor? É a questão que atravessa esta longa conversa. A este propósito, Fabbri discorre sobre os estatutos recíprocos da ideologia face à axiologia, que se projectam, respectivamente, sobre os eixos sintagmático e paradigmático dos valores. É interessante compreender que grupos terroristas como DAESH ou Al-Qaeda, desenham programas narrativos e cumprem percursos narrativos épicos, instaurando narrativas susceptíveis de serem objecto de sanção final, por um Destinator judicial. Ora as estratégias de manipulação deste tipo de actores encaixa-se também ela em estratégias de veridicção. A guerra é especialmente propícia ao desenvolvimento destas estratégias de veridicção, através da construção de simulacros, como realça Fabbri. É isso que constitui para o semiólogo a verdade da guerra. Esta perspectiva permite-lhe discutir e distanciar-se do conceito contemporâneo de pós-verdade, incluindo as *fake news* no domínio do conflito, como estratégia de desinformação. Olhando para o surgimento do terror nas nossas sociedades, Fabbri analisa-o em contraponto à ameaça, figura que a semiótica privilegiou desde Greimas, e afirma: “A estratégia da ameaça é a estratégia do medo e do terror”, sendo que uma provoca a outra. A ameaça tem como corolário o terror. Os destinatários destas estratégias, assim como das contra-estratégias políticas da segurança e da confiança são os cidadãos, que estão hoje sujeitos nas suas vidas, aos jogos de poder. Na verdade, Fabbri não explora tanto a modalidade do poder, como seria óbvio, mas antes a modalidade do crer, convocando o pensamento de Lozano sobre a crença nas sociedades contemporâneas. É que talvez, face ao racionalismo da modernidade, estejamos hoje imbuídos de uma dimensão patémica ou emocional, conclui Fabbri.

Eis aqui belíssimos documentos do presente. E, tal como conclui Lozano na sua apresentação, “Acaso el presente, más que lo pasado, se oponga a ausente.” É nesta malha semiótica entre presença e ausência que se constitui a teia de artigos que o GESC nos propõe, uma vez mais, à reflexão.

Nota biográfica

Maria Augusta Babo é doutorada em Semiótica e Agregada em Teoria da Cultura, é Professora Associada no Departamento Ciências da Comunicação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e investigadora no Instituto de Comunicação da Nova – ICNOVA –. É Presidente do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens – CECL – desde 2014. As suas áreas de investigação são: a Semiótica, a Teoria da Escrita e os processos de subjectivação. Fundadora, com Jorge Lozano, da Associação Ibérica de Semiótica, de que é co-presidente, desde 2017.

Livros publicados:

La traversée de la langue – le Livre de l’Intranquillité de Fernando Pessoa, Covilhã, LabCom Books, 2011. http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110322-babo_la_traversee.pdf

co-autora, com José Augusto Mourão de: Semiótica: Genealogias e Cartografias, Coimbra, MinervaCoimbra, 2007.

A Escrita do Livro, Lisboa, Editora Vega, colecção Passagens, 1993.

Morada institucional: Avenida de Berna, 26-C / 1069-061 Lisboa Portugal